

O Legado que assentamos — E o Seu Voto?

*Reflexões maçônicas sobre a responsabilidade
cívica em tempo de eleições.*

J.R. Schmaltz

Há momentos em que a vida da nação se assemelha ao trabalho que fazemos em Loja. O período eleitoral é um deles. Tudo o que erguemos nele será herança de quem vier depois, e cada irmão responde pela pedra que assenta. Ao escolher presidente, governadores, senadores e deputados, o cidadão não preenche um formulário: ele assenta uma pedra no edifício comum. E, como todo maçom sabe, uma pedra mal talhada compromete a fileira inteira. Por isso vale olhar esse dever cívico à luz dos símbolos que recebemos desde a nossa iniciação, os primeiros, os mais elementares e, talvez por isso mesmo, os mais decisivos.

Os metais na iniciação

Recordemos o instante em que fomos recebidos na Ordem. Antes de cruzar a porta do Templo, foi-nos pedido que deixássemos os metais. Aquele gesto não era mera formalidade: significava despir-se do interesse pessoal, da vaidade, da ambição que cega o julgamento. Quem vota deveria fazer o mesmo. Entrar na urna sem os metais é escolher pensando no bem da obra, e não no proveito próprio: recusar o voto comprado, o favor prometido, a barganha mesquinha. *O maçom que se vende nas urnas ainda carrega, sem perceber, os metais que jurou depositar à porta.*

A pedra bruta que somos

O símbolo que abre nossa caminhada é a pedra bruta. Ela nos ensina que chegamos imperfeitos e que o trabalho de uma vida é desbastar as próprias arestas. O cidadão diante das eleições está nessa mesma condição. A apatia, o desinteresse, o "todos são iguais" que serve de desculpa para não pensar: tudo isso é pedra por lavrar. Votar com consciência é aceitar o cinzel: estudar propostas, conhecer trajetórias, distinguir o construtor do demolidor. Não existe voto lapidado sem esforço; existe apenas o voto tosco de quem se recusa a trabalhar sobre si.

E dispomos das ferramentas do Aprendiz para esse desbaste. O maço representa a força de vontade, a decisão firme de agir; o cinzel, o discernimento que orienta essa força para que ela não bata ao acaso. De nada serve a vontade sem critério, nem o critério sem coragem de decidir. No voto, os dois caminham juntos: a determinação de comparecer e cumprir o dever, guiada pela reflexão que separa a promessa sólida da fantasia. *Bater com o maço sem o cinzel é o entusiasmo cego das paixões partidárias; usar o cinzel sem o maço é a lucidez estéril de quem tudo analisa e nada realiza.*

A régua de vinte e quatro polegadas

Entre nossos instrumentos está a régua dividida em vinte e quatro partes, imagem das horas do dia. Ela nos lembra que o tempo é medido e que dele prestaremos contas. Aplicada à vida

pública, essa lição é dupla. Ao eleitor, ensina que a escolha não se faz na véspera, no calor da propaganda, mas exige o tempo do estudo sereno. Ao eleito, recorda que todo mandato é período contado: quem recebe um cargo recebe horas emprestadas do povo e terá de devolver a obra realizada. *Não há poder perpétuo na República bem construída, assim como não há pedra que se assente para sempre sem prestar seu ofício ao conjunto.*

O pavimento em preto e branco

O piso do nosso Templo é o pavimento mosaico, xadrez de pedras claras e escuras. Ele nos diz uma verdade que o idealista às vezes esquece: luz e sombra convivem em toda obra humana. Não existe candidato perfeito, nem projeto sem falha, nem nação sem contradição. O maçom maduro não busca nas urnas um redentor imaculado. Busca discernir onde há mais luz que sombra, onde a construção supera a destruição. Quem exige pureza absoluta acaba entregando o campo aos piores, pois desiste de escolher. *Caminhar sobre o mosaico é aceitar decidir no mundo real, contrastado e imperfeito, sem por isso abrir mão do rumo à Luz.*

As três colunas da obra

Sustentam simbolicamente nosso trabalho três colunas: a Sabedoria que concebe, a Força que executa e a Beleza que harmoniza. Elas oferecem uma leitura fecunda dos poderes que elegemos. A Sabedoria evoca aqueles que deliberam e legislam, como os senadores e deputados, federais e estaduais, de quem se espera prudência, estudo e capacidade de conceber leis justas. A Força evoca os que executam, como o presidente e os governadores, chamados a agir com energia, mas sempre a serviço do plano, jamais contra ele. E a Beleza é a harmonia entre as partes: o equilíbrio federativo, o respeito entre os poderes, a proporção que impede qualquer coluna de esmagar as demais.

Um edifício não se ergue sobre uma só coluna. Quando o eleitor concentra toda a atenção no cargo mais visível e despreza os demais, desequilibra a estrutura.

Escolher bem os que legislam é tão grave quanto escolher bem quem governa, pois é da harmonia das três colunas que nasce a solidez do Templo social.

Da Câmara de Reflexão à Luz

Nossa iniciação começou nas trevas, e toda a nossa marcha é busca da Luz. Vivemos, porém, um tempo de ruído: notícias falsas, ódio fabricado, palavras de ordem que substituem o pensamento. Descer ao interior de si e retificar, como nos convida a antiga fórmula da Câmara de Reflexão, é hoje um dever cívico urgente. O maçom é, por vocação, buscador da verdade e

inimigo da ignorância. Verificar antes de partilhar, duvidar da manipulação, recusar-se a ser correia de transmissão da mentira: eis o trabalho de trazer luz onde outros espalham fumaça.

Mas essa luz não foi acesa para ficar guardada sob a abóbada do Templo. O irmão que compreende o seu tempo tem o dever de esclarecer quem está à sua volta, na família, no trabalho, na roda de amigos. Não deve impor o próprio voto, mas ensinar a pensar: a checar antes de crer, a separar o fato da paixão, a desconfiar de quem só sabe apontar inimigos. Respeitar a consciência do outro é sagrado; abandoná-lo à ignorância, não. *Cada pessoa que ajudamos a enxergar com clareza é mais uma pedra bem assentada no edifício que todos habitamos.*

Quando as colunas tremem

Não ignoremos o momento em que vivemos. Os poderes da República, que deveriam sustentar-se em mútua harmonia, atritam-se e desconfiam uns dos outros; a corrupção corrói os alicerces; a mentira toma o lugar do argumento; a criminalidade invade os prédios do poder; e muitos dos que pedem nosso voto o fazem pela mera ambição de mandar, iludindo em vez de servir.

Diante disso, o maçom não tem o direito de escolher entre dois erros. Nem o cinismo de quem cruza os braços e repete que nada presta, nem a paixão cega de quem entrega a razão a uma facção. Ambos são pedra por lavrar, e ambos entregam a obra aos piores. A nossa parte é outra: recusar o metal onde quer que ele reluza, cobrar planejamento em lugar de promessa, exigir que cada coluna respeite o peso das demais e amar a Pátria acima dos grupos que a disputam. O desânimo é confortável, mas não assenta uma só pedra. *Onde muitos veem apenas ruínas, o obreiro é justamente aquele que ainda enxerga um canteiro.*

E a nossa própria casa?

Seria incoerente cobrar retidão nas urnas da nação e descuidar das eleições que nos tocam mais de perto. Também seremos chamados a eleger quem conduzirá a Ordem em nossa obediência, e o mesmo critério com que julgamos os candidatos do mundo profano deve pesar sobre os irmãos que se apresentam para servir. Tampouco aqui há lugar para os metais: nem a atração dos cargos, nem a vaidade dos grupos, nem as disputas que, onde existem, tantas vezes turvam o discernimento. E onde se apresenta uma só chapa, a vigilância não diminui: sem o contraste de alternativas, cabe a cada irmão zelar para que a confiança não se torne acomodação, e para que aprovar seja escolha consciente, jamais gesto automático. *Que se busque sempre o mais capaz e o mais justo, não o mais próximo, nem o mais conveniente. Pois quem não sabe eleger dentro do Templo dificilmente saberá fazê-lo fora dele.*

Também pelas urnas se constrói

Voltemos, então, ao começo. O voto consciente é dessas pedras discretas que sustentam gerações inteiras sem alarde. Não se trata de eleger este ou aquele nome (a Ordem não nos aponta candidatos, e nem poderia), mas de levar à vida pública a mesma retidão, a mesma tolerância e o mesmo amor à Liberdade, à Igualdade e à Fraternidade que cultivamos entre colunas. Que cada irmão vote como quem talha a própria pedra: com vontade, com discernimento e com a consciência de que trabalha para um Templo maior do que ele mesmo.

Deixemos o mundo um pouco melhor do que o encontramos. O legado, porém, não se herda: assenta-se. E há uma pedra que ninguém talhará por você — o seu voto.

Autor: J.R. Schmaltz

Obediência: Grande Oriente do Estado de Mato Grosso

Loja Regular (Membro): Ben.: Cinq.: Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Conquista e Integração nº 8.

Loja de Estudos (Membro): Aug.: e Resp.: Loj.: Simb.: Acadêmica François—Marie Arouet nº 101

Rito: Rito Escocês Antigo e Aceito